

"UM DOS MELHORES LIVROS DE FANTASIA ÉPICA DE TODOS OS TEMPOS."

- ANNE MCCAFFREY

GUY GAVRIEL KAY
TIGANA
A LÂMINA NA ALMA - LIVRO UM

COM POSFÁCIO
EXCLUSIVO PARA
A EDIÇÃO
BRASILEIRA



A verdade parece
mais simples aqui,
na escuridão, longe
das fogueiras e de
todo desespero que
vi por lá. Saevar,
sinto muito, mas
a verdade é que
quase todo o sangue
derramado pela
manhã será nosso, e
temo que seja nosso
fim. Perdoe-me.

manifesto da coleção bang!

Este é o nosso compromisso com você:

*Queremos ser a melhor coleção de
literatura fantástica do Brasil.*

*Vamos publicar apenas os grandes
livros dos grandes autores.*

*Todas as obras são válidas, desde que
ignorem as limitações do realismo.*

Queremos mexer com a sua cabeça.

Mas um click não basta.

É preciso um Bang!

tigana – a lâmina na alma



tigana

a lâmina na alma / livro um
guy gavriel kay

Tradução de Carlos Daniel S. Vieira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

SUMÁRIO

Carta do editor	9
Agradecimentos	13
Nota sobre a pronúncia	15
Prólogo	19
Parte um – Uma lâmina na alma	25
Capítulo I	27
Capítulo II	35
Capítulo III	58
Capítulo IV	71
Capítulo V	103
Capítulo VI	129
Parte dois – Dianora	161
Capítulo VII	163
Capítulo VIII	206
Parte três – De brasa a brasa	247
Capítulo IX	249
Capítulo X	298
Posfácio do autor	323
Trecho de <i>Tigana – Livro dois</i>	327

CARTA DO EDITOR

“Esta noite fui forçado a perceber que existem limites para aquilo que desejo ou ordeno em nome de uma causa.”

Quando publicou *O Senhor dos Anéis* nos anos 1950, J. R. R. Tolkien não podia sequer sonhar que estava criando alicerces tão profundos para a fantasia épica que, meio século depois, uma multidão de autores ainda o copiaria até a exaustão. Esses alicerces — hoje clichês absolutamente esgotados — são vários: a divisão nos tradicionais três volumes; as características físicas e culturais de elfos, anões e outras raças míticas; a inevitável jornada do herói; os poderosos artefatos mágicos; a figura do senhor das trevas; e, por fim, talvez a que mais marcou a fantasia desde então, a separação maniqueísta entre o bem e o mal. Com Tolkien, o mal é absoluto e corrompe absolutamente (corpo e alma). O bem, pelo contrário, é exclusivo dos heróis, quase sempre sem falhas, dúvidas ou arrependimentos.

Guy Gavriel Kay, que procura constantemente transcender as fraquezas da fantasia, marca um corte com essa tradição tolkiana do bem e do mal. *Tigana* está repleto de personagens em conflito com suas próprias decisões e com o impacto que elas têm nos outros. Aliás, a grande força desta obra é precisamente a ambiguidade moral dos seus personagens. Não são homens bons nem maus — são apenas homens, apesar do poder atribuído a eles e que os coloca na posição de fazerem um grande bem ou um grande mal. Quem conhece a obra de George R. R. Martin sabe exatamente do que estamos falando.

Vejam os personagens: Alessan, o herói de *Tigana*, não se importa

com os meios usados para atingir os fins. Mas será heroico recorrer ao assassinato e à própria escravidão, mesmo quando os fins são tão nobres quanto o resgate de um povo? Brandin, o vilão, tem uma capacidade imensa de amar. Vive, inclusive, uma das mais belas histórias de amor da literatura fantástica. Mas é o ódio que o move durante grande parte da vida. Alessan e Brandin são personagens complexos e dos mais fascinantes do gênero. Diga-se que estão em boa companhia: os personagens secundários de *Tigana* formam um grupo rico, complexo e memorável. Prepare-se portanto para uma viagem inesquecível ao longo destas páginas. Mais do que estar na vanguarda de um movimento de ruptura com os alicerces da fantasia, Guy Gavriel Kay nos oferece um mundo de fantasia épica com sua própria geografia, religião, política e estruturas sociais complexas. Numa península que em tudo nos recorda uma Itália medieval e onde o povo comercializa vinho, cereais e especiarias por terra e mar, *Tigana* conta uma história poética e poderosa sobre a força da política e da religião, o custo do sangue e o preço do amor.

Aos meus irmãos, Jeffrey e Rex.

AGRADECIMENTOS

Durante a produção desta obra, muitas pessoas contribuíram com suas habilidades e me deram apoio. É um prazer poder agradecer toda essa ajuda. Sue Reynolds mais uma vez me ofereceu um mapa que não só refletiu minha história, mas ajudou a guiá-la. Rex Kay e Neil Randall me ofereceram seu entusiasmo e comentários sagazes desde os primeiros passos desse romance até suas últimas revisões. Sou profundamente grato aos dois.

Estou em dívida com o conhecimento acadêmico de muitos homens e mulheres. É uma alegria para mim registrar a admiração pela obra de Carlo Ginzburg, *Os andarilhos do bem (I Benandanti)*.

Também fui incentivado e instruído pelo trabalho de Gene Brucker, Lauro Martines, Jacob Burckhardt, Iris Origo e Johan Huizinga, entre outros. Nestas considerações, desejo também homenagear a memória de dois homens por quem eu há muito nutro o mais profundo respeito, e cujas obras e fontes de inspiração iluminaram profundamente o meu trabalho: Joseph Campbell e Robert Graves.

Por fim — embora destacar o papel de um cônjuge na criação de um livro possa parecer uma questão de ritual ou hábito —, posso apenas afirmar que é com muita gratidão e amor que desejo agradecer o encorajamento e os conselhos de minha esposa, Laura, enquanto eu escrevia *Tigana*, tanto na Toscana quanto em casa.

NOTA SOBRE A PRONÚNCIA

Para ajudar aqueles que se importam com coisas desse tipo, talvez eu deva apontar o fato de que todos os nomes próprios neste romance devem ser pronunciados de acordo com as regras da língua italiana. Sendo assim, todas as vogais finais são plenamente pronunciadas: *Corte* tem duas sílabas, *Sinave* e *Forese* têm três. *Chiara* tem o mesmo som inicial que as palavras *queijo* ou *quimera*, mas *Certando* se pronuncia como o começo de *tchau*.

*De teus mais caros bens a aventura
tu perderás, e essa é a flecha fatal
que, de primeiro, o arco do exílio lança.*

*Tu provarás como tem gosto a sal
o pão alheio e, descer e subir
a alheia escada é caminho crucial.*

— Dante, *Paraíso*, canto XVII, vv. 55-59 (trad. Ítalo Eugenio Mauro. Ed. 34, 2008, p. 123)

Que pode recordar uma chama? Se ela se recorda um pouco menos do que deve, extingue-se. Se ela se recorda um pouco mais do que deve, extingue-se. Se ela apenas pudesse ensinar-nos, enquanto brilha, a se lembrar com justeza.

— Giórgos Seféris, *Stratis, o marujo, descreve um homem* (trad. José Paulo Paes. Nova Alexandria, 1995)



PRÓLOGO

As duas luas estavam altas no céu, ocultando a luz de todas as estrelas de menor brilho. As fogueiras queimavam nas duas margens do rio, espalhando-se pela noite. Fluindo silencioso, o Deisa captava o luar e o alaranjado das fogueiras mais próximas, devolvendo-os em ondulações sinuosas. E todos os feixes de luz convergiam para seus olhos, para onde ele estava sentado na margem do rio, com as mãos sobre os joelhos, pensando na morte e na vida que levava.

Era uma noite gloriosa, Saevar pensava, respirando profundamente o ar leve de verão; sentindo cheiro de água, de flores aquáticas e de grama; observando os reflexos azuis e prateados das luas sobre o rio; ouvindo o fluxo murmurante do Deisa e as canções distantes ao redor das fogueiras. Também havia canções do outro lado do rio, ele percebeu, ouvindo os soldados inimigos ao norte. Era curiosamente difícil apontar qualquer tipo de maldade absoluta naquelas vozes harmoniosas ou mesmo odiá-los tão cegamente quanto um soldado deveria. Mas ele não era propriamente um soldado — e nunca fora bom em odiar.

Não conseguia ver, de fato, nenhuma figura movendo-se do outro lado do rio. Mas conseguia enxergar as chamas, e não era difícil estimar que houvesse mais homens ao norte do Deisa do que em seu acampamento, onde esperavam pelo amanhecer.

Era quase certo que seria o seu último. Ele não tinha ilusões, nenhum deles tinha. Não desde a batalha que ocorrera naquele mesmo rio, cinco dias antes. Tudo o que tinham era coragem e um líder tão imponente quanto os dois jovens filhos que o seguiam.

Eram dois belos rapazes. Saevar se arrependeu de nunca ter esculpido suas imagens. Obviamente, esculpira a do Príncipe muitas vezes. O Príncipe o chamava de amigo. Ninguém poderia dizer, refletiu Saevar, que levava uma vida inútil ou vazia. Tinha a sua arte, a sua alegria e o seu estímulo, e vivera

o suficiente para ver suas obras serem elogiadas pelos grandes nomes de sua província, até mesmo de toda a península.

E também conhecera o amor. Pensou em sua esposa e em seus dois filhos. Na filha, cujos olhos lhe haviam ensinado parte do sentido da vida no dia em que nascera, quinze anos antes. E no filho, que poderia tê-lo acompanhado se fosse apenas um ano mais velho. Saevar se lembrou da expressão no rosto do menino quando ele partira. Imaginava que uma expressão muito parecida estivera estampada em seus próprios olhos. Ele abraçara as crianças e depois segurara a esposa em seus braços longamente, em silêncio; todas as palavras já haviam sido ditas, muitas vezes, ao longo dos anos. E se virou, rapidamente, para que eles não vissem suas lágrimas; montou em seu cavalo, estranhando a espada em sua cintura, e galopou ao lado de seu Príncipe para a guerra contra aqueles que chegavam pelo mar.

Ouviu o som de passos leves atrás de si, em algum ponto à sua esquerda, onde as fogueiras queimavam e as vozes entoavam uma canção que acompanhava a melodia da syrenya. Ele se voltou na direção do ruído.

— Cuidado — disse ele, baixinho —, a menos que você queira tropeçar em um escultor.

— Saevar? — murmurou uma voz bem-humorada. Uma voz que conhecia bem.

— Sou eu, meu senhor Príncipe — respondeu. — O senhor já viu uma noite tão linda?

Valentin caminhou até ele — a luz era mais do que suficiente para vê-lo — e se sentou ao seu lado, afundando na grama.

— Não que eu me lembre — concordou ele. — Você está vendo? O crescente de Vidomni completa o mingunte de Ilarion. As duas luas juntas formariam uma inteira.

— Seria uma lua bem estranha — disse Saevar.

— Esta é uma noite estranha.

— Será? A noite muda de acordo com o que nós fazemos aqui embaixo? Nós, mortais, em nossa tolice?

— A forma que a vemos muda — disse Valentin em voz baixa, seu pensamento rápido cativado pela questão. — A beleza que encontramos é moldada, ao menos em parte, pelo que sabemos que a manhã trará.

— E o que ela trará, meu senhor? — perguntou Saevar, antes de conseguir se controlar. Percebeu que uma parte de si esperava, como se fosse uma criança, que seu gracioso e orgulhoso Príncipe de cabelos negros tivesse uma resposta para o que os aguardava no outro lado do rio. Uma resposta a todas

as vozes e fogueiras ygratheanas queimando ao norte deles. Uma resposta, sobretudo, ao terrível Rei de Ygrath e sua feitiçaria, e ao ódio que *ele* não teria dificuldade alguma em evocar no dia seguinte.

Valentin permaneceu em silêncio, olhando para o rio. Acima deles, Saevar viu uma estrela cadente deslizando a oeste do céu para atingir, provavelmente, a vastidão do mar. Estava arrependido de sua pergunta. Não era hora de colocar o fardo da falsa certeza sobre o Príncipe.

Quando estava prestes a se desculpar, Valentin falou, a voz contida e baixa, de modo a não ultrapassar o círculo de escuridão ao seu redor.

— Tenho andado pelas fogueiras, e Corsin e Loredan fizeram o mesmo, oferecendo conforto, esperança e tantas gargalhadas quantas conseguirmos para ajudar os homens a adormecer. Não há muito mais que possamos fazer.

— Eles são bons garotos, os dois — afirmou Saevar. — Lembrei que nunca esculpi nenhum deles.

— Sinto muito por isso — disse Valentin. — Se algo perdurar depois de nosso tempo, serão obras como as suas, nossos livros e músicas, a torre verde e branca de Orsaria, em Avalor. — Ele hesitou, retomando seu pensamento original. — Eles *são* jovens valentes. Têm 16 e 19 anos, e, se pudesse, eu os teria deixado para trás com o irmão deles... e com o seu filho.

Este era um dos motivos pelos quais Saevar o amava: Valentin se lembrava de seu filho, pensando nele junto com o príncipe mais novo até mesmo em um momento como aquele.

A oeste e um pouco atrás deles, longe das fogueiras, uma trialla começou a cantar, deixando ambos em silêncio, ouvindo aquela melodia. O coração de Saevar subitamente se encheu, e ele temeu derramar lágrimas, que o envergonhariam se fossem confundidas com medo. Valentin disse:

— Mas não respondi sua pergunta, velho amigo. A verdade parece mais simples aqui, na escuridão, longe das fogueiras e de todo desespero que vi por lá. Saevar, sinto muito, mas a verdade é que quase todo o sangue derramado pela manhã será nosso, e temo que seja nosso fim. Perdoe-me.

— Não há nada a perdoar — disse Saevar, da maneira mais rápida e firme que conseguiu. — Esta guerra não foi criação sua, e você não podia evitá-la ou desfazê-la. E, além do mais, posso não ser um soldado, mas espero não ser um tolo. Foi uma pergunta ingênua: eu mesmo posso ver a resposta, meu senhor, nas fogueiras do outro lado do rio.

— E na feitiçaria — completou Valentin, em voz baixa. — Mais nela do que nas fogueiras. Nós poderíamos abater uma quantidade bem maior, mesmo cansados e feridos como estamos da batalha da última semana, se a

mágica de Brandin não estivesse com eles agora. O próprio leão veio, e não o filhote; e como o filhote está morto, deve haver sangue ao nascer do Sol. Eu deveria ter me rendido ao menino na semana passada?

Saevar se voltou para olhar o Príncipe sob o duplo luar, descrente. Ficou atônito por um momento, mas então encontrou sua voz:

— Após essa rendição, eu teria voltado para casa — disse ele, resoluto —, entrado no Palácio perto do Mar e destruído cada escultura que já fiz de você.

Um segundo depois Saevar ouviu um som estranho. Levou um momento para perceber que Valentin estava rindo, pois nunca tinha ouvido um riso como aquele.

— Oh, meu amigo — disse o Príncipe, em seguida —, acho que eu já sabia que você diria isso. Oh, o nosso orgulho. Nosso terrível orgulho. Você acha que será disso que se lembrarão depois que tivermos partido?

— Talvez — refletiu Saevar. — Mas eles se lembrarão. A única coisa que sabemos com certeza é que se lembrarão de nós. Aqui na península, em Ygrath, em Quileia e mesmo a oeste, através do mar, em Barbador e seu Império. Deixaremos um nome.

— E deixaremos nossas crianças — disse Valentin. — As mais novas. Filhos e filhas que se lembrarão de nós. Bebês de colo que nossas esposas e avós ensinarão, quando crescerem, sobre a história do Rio Deisa, o que aconteceu aqui e, mais ainda, sobre o que nós éramos nesta província antes da queda. Brandin de Ygrath pode nos destruir amanhã, pode demolir nossos lares, mas não pode apagar nossos nomes ou a memória do que nós fomos.

— Ele não pode — repetiu Saevar, sentindo seu coração se animar estranha e inesperadamente. — Tenho certeza de que você está certo. Não somos a última geração livre. Haverá vestígios amanhã que perdurarão ao longo dos anos. Os filhos de nossos filhos se lembrarão de nós e não ficarão submissos.

— E se algum deles se sentir tentado a se submeter — completou Valentin, em outro tom —, haverá filhos ou netos de certo escultor que esmagarão suas cabeças, de pedra ou não.

Saevar sorriu na escuridão. Ele queria rir, mas não encontrou o riso dentro de si.

— Espero que sim, meu senhor. Se as deusas e o deus permitirem. Obrigado. Obrigado pelo que você disse.

— Sem agradecimentos, Saevar. Não entre nós, não esta noite. Que a Tríade o guarde e proteja amanhã e depois, e que guarde e proteja tudo o que você já amou.

Saevar engoliu em seco.

— Você sabe que é uma parte disso, meu senhor. Uma parte do que já amei.

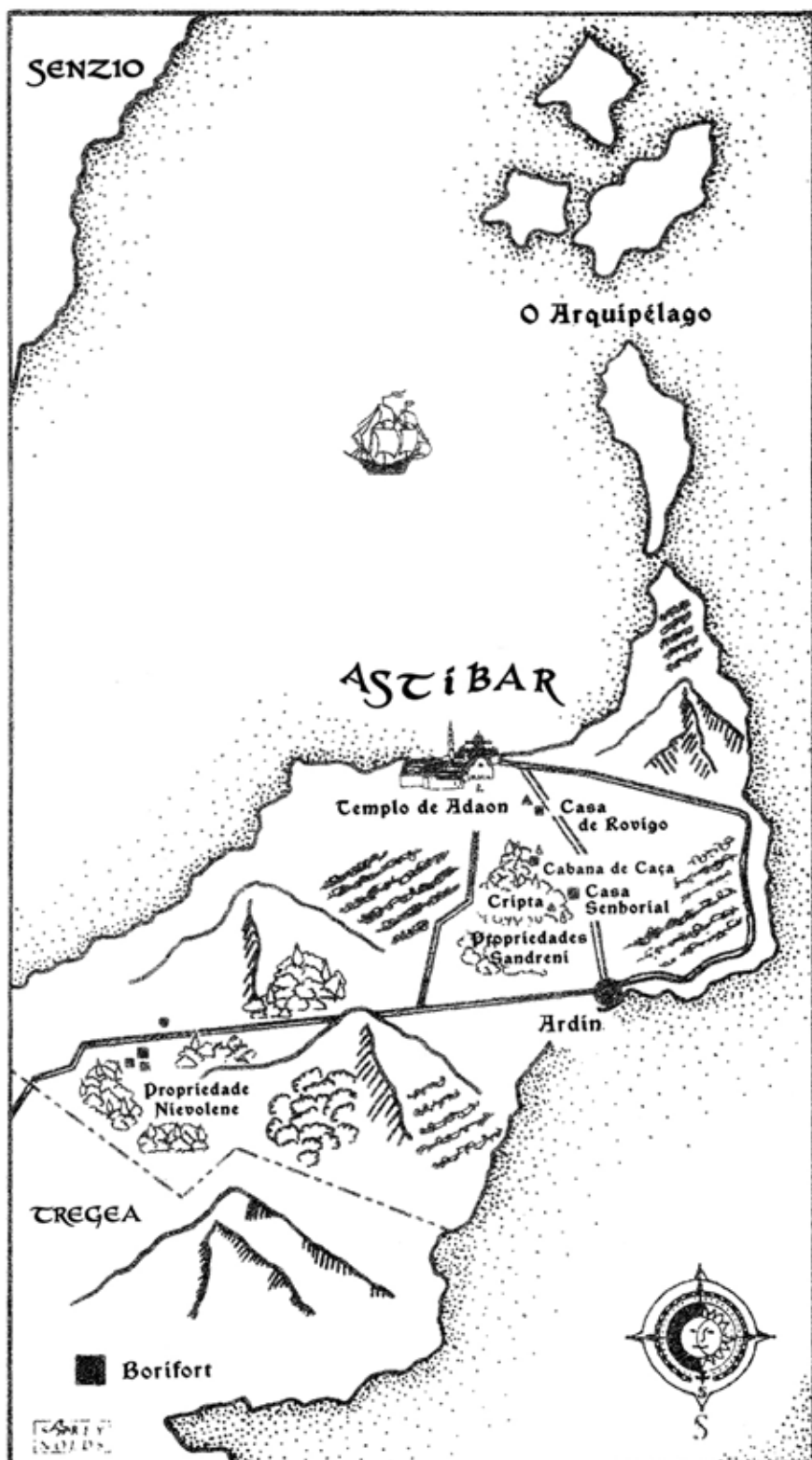
Valentin não respondeu. Limitou-se a se inclinar e beijar-lhe a testa. Ergueu uma mão; e o escultor, com os olhos marejados, levantou também a sua para tocar a do Príncipe, palma com palma, despedindo-se. Valentin se levantou e partiu, uma sombra sob o luar, de volta às chamas de seu exército.

A cantoria parecia ter cessado nos dois lados do rio. Era muito tarde. Saevan sabia que deveria voltar e tentar dormir por algumas poucas horas. No entanto, era difícil levantar e abandonar a perfeita beleza daquela última noite. O rio, as luas, o arco de estrelas, os vaga-lumes e todas as chamas.

Por fim, decidiu permanecer junto à água. Sentou-se sozinho na margem do Rio Deisa, na escuridão do verão, as mãos fortes repousando sobre os joelhos. Observou as duas luas descendo até o horizonte e a morte lenta das fogueiras, e pensou em sua esposa, em seus filhos e no trabalho de uma vida, feito com suas mãos, que permaneceria após sua partida. E a trialla cantou para ele pelo resto da noite.

PARTE UM

Uma lâmina na alma



CAPÍTULO I

Na outonal estação dos vinhos, pelos ciprestes, oliveiras e parreiras de sua propriedade rural, correu a notícia de que Sandre, Duque de Astibar e outrora governante daquela cidade e província, tinha dado o último suspiro amargo de sua longa vida e de seu exílio, falecendo em seguida.

Nenhum servo da Tríade estivera ao seu lado para realizar os ritos finais. Nem os sacerdotes de Eanna, com suas vestes brancas, nem os da negra Morian dos Portais, nem as sacerdotisas de Adaon, o deus.

Ninguém se surpreendeu na cidade de Astibar ao receber a notícia do falecimento do Duque. A fúria de Sandre com a Tríade e seus clérigos, nos últimos dezoito anos de sua vida, estava longe de ser um segredo. E Sandre d'Astibar nunca escondera sua descrença, mesmo na época em que estivera no poder.

A cidade estava cheia de pessoas da longínqua distrada e além, na véspera do Festival das Vinhas. Nas tavernas lotadas e nos salões de khay, verdades e mentiras sobre o Duque eram trocadas como lã e especiarias por pessoas que nunca haviam visto seu rosto e que certamente empalideceriam com pavor justificado se fossem convocados à corte do Duque, em Astibar.

Durante toda a sua vida, o Duque Sandre provocara diversas conversas e especulações entre os habitantes da península conhecida como Palma — e isso não mudara com a sua morte, mesmo que Alberico de Barbador tenha vindo com um exército daquele Império além-mar e exilado Sandre na distrada dezoito anos antes. Quando o poder se vai, a sua memória permanece.

Talvez por causa disso, e certamente por sua tendência em ser cauteloso e circunspecto em tudo, Alberico, que comandava quatro das nove províncias com mão de ferro e competia com Brandin de Ygrath pela nona, agia com aguçada estima pelo protocolo.

Às 12 horas do dia em que o Duque morreu, um mensageiro de Alberico foi visto cavalgando pelo portão leste da cidade. Levando a flâmula azul-pra-

teada do luto, também carregava cuidadosamente, sem dúvida, palavras de condolência para os filhos e netos de Sandre, agora reunidos em sua ampla propriedade, a doze quilômetros das muralhas.

No Paelion, o salão de khav onde as pessoas mais interessantes se reuniam naquela estação, dizia-se cinicamente que o Tirano provavelmente teria enviado sua própria tropa de mercenários barbadianos, e não apenas um simples mensageiro, não fossem os Sandreni sobreviventes um grupo tão fraco. Antes mesmo que a diversão — misturada com cautela para que nem todos ouvissem — causada por aquele comentário morresse, um músico itinerante — havia vários em Astibar naquela semana — apostava o lucro dos próximos três dias que a Ilha de Chiara enviaria suas condolências em verso antes do fim do Festival.

— Mas que bela oportunidade! — explicava o novato imprudente, cuidando de uma fumegante caneca de khav misturado com uma das diversas bebidas alcoólicas que se alinhavam nas prateleiras atrás do balcão do Paelion. — Brandin não conseguirá deixar passar uma chance como esta de lembrar a Alberico, e a todos nós, que, embora os dois tenham dividido nossa península, a arte e o conhecimento ainda se concentram a oeste, rumo a Chiara. Guardem minhas palavras e podem apostar se quiserem: teremos uma série de versos elaborados do robusto Doarde ou algum acróstico bobo de Camena para desvendar, com “Sandre” soletrado de seis maneiras diferentes e de trás para frente, antes que a música pare em Astibar, daqui a três dias.

Houve risos, embora novamente reservados, mesmo que fosse véspera do Festival, quando uma longa tradição, respeitada por Alberico de Barbador, permitia mais liberdade do que em qualquer outro momento do ano. Alguns homens com cabeça para números fizeram alguns cálculos rápidos sobre o tempo de navegação e as chances de alguém cruzar os mares outonais ao norte da província de Senzio, descendo pelo Arquipélago; logo o músico teve sua aposta coberta e anotada na placa da parede do Paelion, que ficava ali justamente para isso, numa cidade tão propensa a apostas e jogatinas.

Mas pouco depois, todas as apostas e comentários sarcásticos foram esquecidos. Alguém com um quepe pontiagudo enfeitado com uma pena abria as portas do salão de khav, clamando por atenção e informando que o mensageiro do Tirano fora visto retornando pelo mesmo portão leste pelo qual passara mais cedo. Que cavalgava muito mais rápido do que antes e que, menos de cinco quilômetros atrás dele, encontrava-se a procissão fúne-

bre do Duque Sandre d’Astibar, vinda em respeito ao seu último pedido de passar uma noite e um dia na cidade que ele governara.

No salão, a reação foi imediata e previsível: os homens começaram a gritar com força para serem ouvidos em meio à balbúrdia que eles mesmos causavam. Alvorço, política e a expectativa dos prazeres do Festival contribuíam para uma tarde sedenta. A mudança foi tão brusca que o proprietário do Paelion, nervoso, começou a servir, sem querer, doses inteiras de bebidas nos khavs pedidos em grande número. Sua esposa, de gênio mais controlado, continuou a servir todos os clientes com doses mínimas, em sua benevolente falta de favoritismo.

— Eles serão expulsos! — gritou Adreano, o jovem poeta, batendo a caneca na mesa e derramando khav quente sobre a tábua de carvalho negro na maior cabine do salão. — Alberico nunca permitirá isso!

Houve grunhidos de aprovação de seus amigos e dos bêbados que sempre se amontoavam naquela mesa em particular.

Adreano lançou um olhar ao músico itinerante que propusera a aposta audaciosa sobre Brandin de Ygrath e seus poetas da corte de Chiara. O outro, parecendo bastante satisfeito, arqueou as sobrancelhas de maneira enigmática, recostando-se na cadeira que descaradamente puxara pouco antes. O poeta sentiu-se seriamente ofendido pelo homem, sem saber se a ofensa fora gerada pela citação casual da proeminência de Chiara na cultura ou pela forma irreverente como desprezara o grande Camena di Chiara, a quem Adreano imitara continuamente nos últimos seis meses, tanto no estilo dos versos, quanto na capa de três camadas que usava dia e noite.

Ele era inteligente o suficiente para saber que havia uma contradição inerente a essas duas fontes de ira, mas também jovem o bastante — e havia bebido mais khav com conhaque do que devia — para que aquele conhecimento ficasse muito abaixo do nível de sua consciência.

Manteve sua atenção naquele rústico prepotente. Obviamente viajara até a cidade para chacoalhar algum instrumento primitivo durante três dias em troca de alguns astins para gastar no Festival. Como um sujeito desses ousava desembarcar no mais ilustre salão de khav da Palma Oriental e enfiar seu traseiro caipira na cadeira da mesa mais bem frequentada do lugar? Adreano ainda tinha memórias nítidas e dolorosas do longo mês — mesmo depois de seus primeiros versos aparecerem impressos — em que circundara, acuado pelas recusas subentendidas, antes de se tornar um membro do seletto e bem conhecido círculo que tomara aquela cabine.

Ele se viu esperando que o músico tentasse contradizer sua opinião. Já

tinha alguns versos preparados acerca da ralé da estrada que cospe suas opiniões sobre seus superiores quando na companhia de seus melhores.

Como se tivesse notado aquele pensamento, o rapaz se acomodou ainda mais confortavelmente em sua cadeira, pressionou suas têmporas prematuramente grisalhas com um dedo comprido e disse, diretamente para Adreano:

— Esta parece ser a minha tarde de apostas. Eu aposto tudo que estou prestes a ganhar que Alberico é cauteloso demais para estragar o humor do Festival em troca disso. Há gente demais em Astibar agora, e os ânimos estão exaltados demais, mesmo com as doses minúsculas de bebida que servem aqui para pessoas que deveriam ter mais bom senso.

Ele abriu um vasto sorriso para tirar um pouco do veneno das últimas palavras:

— É bem melhor para o Tirano ser gentil — continuou. — Colocar seu velho inimigo para descansar de uma vez por todas cerimoniosamente, para então lançar agradecimentos a quaisquer deuses que o Imperador de além-mar esteja obrigando os barbadianos a adorar hoje em dia. Agradecimentos e oferendas, pois ele pode ter certeza de que os eunucos que Sandre deixou para trás irão se apressar alegremente em abandonar a louca e antiquada busca por liberdade que Sandre apoiava por uma Astibar poderosa.

Ao final de seu discurso, ele não sorria mais nem seus olhos cinzentos e separados se desviavam dos de Adreano.

E ali, pela primeira vez, estavam palavras genuinamente perigosas. Ditas de maneira suave, mas ouvidas por todos na cabine. De repente aquele canto do Paelion ficou estranhamente quieto em meio à balbúrdia que continuava no salão. Os versos jocosos que Adreano compusera tão rapidamente pareciam agora triviais e inapropriados a seus próprios ouvidos. Ele não disse nada, seu coração batendo curiosamente rápido. Com algum esforço, continuou olhando para o músico, que acrescentou, recuperando o sorriso torto:

— Temos uma aposta, meu caro?

Adreano tentou ganhar tempo, enquanto calculava rapidamente quantos astins poderia obter encurralando certos amigos.

— Se importaria de nos esclarecer por que um lavrador da distrada seria tão liberal para gastar dinheiro que ainda não recebeu e para ter opiniões sobre assuntos como esse?

O sorriso do outro aumentou, revelando dentes muito brancos e simétricos.

— Não sou um lavrador — protestou ele, cordialmente. — E tampouco sou da sua distrada. Sou um pastor do topo das montanhas de Tregæa, ao sul, e vou lhe dizer uma coisa...

Os olhos acinzentados observaram toda a cabine de maneira divertida, incluindo todos os presentes:

— Um rebanho de ovelhas ensina mais sobre os homens do que vocês imaginam; e os bodes... bem, os bodes são melhores para torná-lo um filósofo do que os sacerdotes de Morian, especialmente se você está em uma montanha, no meio da chuva, perseguindo-os enquanto os trovões e a noite se misturam.

Um riso espontâneo encheu o local, encorajado pelo alívio da tensão. Adreano tentou, sem sucesso, manter sua expressão severa e repreensiva.

— Temos uma aposta? — perguntou o pastor mais uma vez, de maneira amigável e descontraída.

Adreano foi poupado de responder, e vários de seus amigos economizaram a angústia e os astins pela chegada, ainda mais repentina do que a do fofoqueiro com chapéu de pluma, de Nerone, o pintor.

— Alberico deu sua permissão! — proclamou, sobre a barulheira do Paelion. — Acabou de decretar que o exílio de Sandre terminou quando ele morreu. O Duque será velado amanhã de manhã, no velho Palácio Sandreni, e terá um funeral completo, com todas as honras e os nove ritos! Contanto que... — e aqui ele parou, dramaticamente — contanto que o clero da Tríade possa fazer sua parte.

As implicações daquilo eram simplesmente grandiosas demais para que Adreano se preocupasse em não parecer surpreso, como acontecia a poetas jovens e impetuosos a cada uma ou duas horas. Mas aqueles... aqueles eram grandes acontecimentos! Seu olhar, por alguma razão, se voltou para o pastor. A expressão dele estava leve e desinteressada, mas certamente não triunfante.

— Bem — disse o estranho, com um aceno triste de cabeça. — Acho que estar certo terá de compensar o fato de estar pobre. Não é a primeira vez que me acontece.

Adreano riu. Deu um tapa nas costas gordas de Nerone, que ainda estava sem fôlego, deslocando-se para dar lugar ao amigo.

— Que Eanna abençoe a nós dois — disse Adreano ao pintor. — Você acaba de economizar mais astins do que tem. Eu o teria pressionado a fazer uma aposta que eu teria perdido com essas notícias.

Em resposta, Nerone pegou a caneca meio cheia de khav de Adreano

e virou num único gole. Olhou ao redor, otimista, mas os outros esconderam suas canecas, conhecendo bem os hábitos do pintor. Com uma risada, o pastor de cabelos negros da Tregia ofereceu sua própria caneca, enquanto Nerone, que havia aprendido a jamais questionar a generosidade alheia, virou tudo em um gole. Pelo menos murmurou um “obrigado” depois de sumir com o khav.

Adreano percebeu a interação, mas seus pensamentos trilhavam caminhos desconhecidos, chegando a uma conclusão inesperada.

— E ainda — disse ele abruptamente, dirigindo-se a Nerone, mas falando alto o suficiente para todos ouvirem — acabou de reafirmar o quão astuto é o feiticeiro de Barbador que nos governa. Alberico conseguiu, com apenas um decreto, estreitar seus laços com o clero da Tríade. Ele criou uma condição perfeita ao conceder o último desejo do Duque. Os herdeiros Sandreni terão que concordar, não que eles já tenham *discordado* de algo... Eu não consigo sequer imaginar quantos astins vão gastar para abrandar os sacerdotes e sacerdotisas o suficiente para fazê-los entrar no Palácio Sandreni amanhã de manhã. Alberico será agora conhecido como o homem que trouxe o renegado Duque de Astibar de volta à graça da Tríade na sua morte.

Ele olhou ao seu redor, empolgado pela força de seu próprio raciocínio:

— Pelo sangue de Adaon, isso me lembra das intrigas dos velhos tempos, quando tudo era feito com mais sutileza. Engrenagens dentro das engrenagens que conduziam o destino de toda a península.

— Ora essa — disse o tregiano, o rosto ficando sério —, esta pode ter sido a reflexão mais inteligente que ouvimos neste dia barulhento. Mas me diga — continuou, enquanto Adreano corava de satisfação —, se o que Alberico acabou de fazer lembrou a você, e a outros, sem dúvida, embora de maneira não tão rápida, de como as coisas eram nos dias antes de suas navegações e conquistas, e antes de Brandin conquistar Chiara e as províncias a oeste, então não seria possível — sua voz estava baixa, para que apenas Adreano pudesse ouvir em meio ao tumulto do lugar — que ele tenha sido enfim superado nesse jogo? Superado por um homem morto?

Ao redor, homens se levantavam e acertavam suas contas em uma pressa barulhenta para estar do lado de fora, onde eventos grandiosos pareciam se desenrolar muito rapidamente. Todos se dirigiam ao portão leste, para ver os Sandreni trazendo o corpo sem vida de seu líder para casa depois de dezoito anos. Um quarto de hora antes, Adreano estaria junto com os outros, correndo para alcançar o portão a tempo de conseguir um bom lugar. Mas não

agora. Seu cérebro saltava de modo a seguir o novo caminho aberto pela voz do tregeano, e a compreensão tomou-o como a luz de uma tocha em meio à escuridão.

— Entendeu, não é? — perguntou seu novo conhecido, sem rodeios. Estavam sozinhos na ala. Nerone permanecera algum tempo, apenas para esvaziar qualquer caneca de khav que tivesse sido deixada no meio do tumulto, e então acompanhara os outros para o Sol e a brisa do outono.

— Acho que sim — disse Adreano, refletindo. — Sandre vence ao perder.

— Ao perder uma batalha com a qual nunca se importou — emendou o outro, com a inteligência brilhando em seus olhos cinzentos. — Duvido que o clero tenha tido qualquer importância para ele. Eles não eram seus inimigos. Não importa o quanto Alberico seja sutil, o fato é que ele conquistou esta província, Tregea, Ferraut e Certando por causa de seu exército e de sua feitiçaria, e apenas por esses meios mantém a Palma Oriental. Sandre d’Astibar governou esta cidade e a sua província por 25 anos, sobrevivendo a meia dúzia de rebeliões e tentativas de assassinato, que eu tenha ouvido falar. E ele o fez apenas com um punhado de tropas nem sempre leais, com sua família e com uma sagacidade que já então era lendária. O que você diria se eu sugerisse que ele se recusou a deixar que os sacerdotes e sacerdotisas se aproximassem de seu leito de morte na noite passada simplesmente para induzir Alberico a colocá-los como uma condição no dia seguinte?

Adreano não sabia o que podia dizer. Sabia que estava sentindo um entusiasmo, uma empolgação que o deixavam indeciso se queria uma espada em suas mãos ou pena e tinta para escrever as palavras que começavam a brigar dentro dele.

— O que você acha que acontecerá? — perguntou ele, com uma deferência que impressionaria seus amigos.

— Não tenho certeza — disse o outro, francamente. — Mas tenho uma suspeita cada vez maior de que o Festival das Vinhas deste ano poderá ser o começo de algo que nenhum de nós poderia esperar.

Por um momento, pareceu que ele ia dizer mais alguma coisa, mas não falou mais nada. Em vez disso, se levantou, lançando algumas moedas misturadas sobre a mesa para pagar por seu khav.

— Preciso ir. Hora do ensaio. Estou com um grupo com o qual nunca toquei antes. A praga do ano passado causou grandes perdas entre os músicos itinerantes. Foi assim que tive folga das minhas cabras — ele sorriu e então lançou um olhar à tábua de apostas na parede. — Diga aos seus amigos que

virei daqui a três dias, antes do pôr do sol, para resolver a questão das condô-lências poéticas de Chiara. Adeus, por enquanto.

— Adeus — respondeu Adriano reflexivamente e assistiu o outro deixar a sala quase vazia.

O proprietário e sua esposa se ocupavam em recolher canecas e copos e limpar as mesas e bancos. Adriano pediu uma última dose. Um instante mais tarde, enquanto sorvia seu khav — puro dessa vez, para clarear a cabeça — percebeu que se esquecera de perguntar ao músico qual era seu nome.

COLEÇÃO **BANG!**

A MELHOR FANTASIA, FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

1. Mago Aprendiz
Raymond E. Feist
2. A Corte do Ar
Stephen Hunt
3. Tigana – A Lâmina na Alma
Guy Gavriel Kay
4. Mago Mestre
Raymond E. Feist

Próximo título

A Espada de Shannara – Livro um
Terry Brooks



REVISTA **BANG!**

a sua dose diária de
fantasia, ficção científica
e horror

Já conhece a revista especializada na cultura do fantástico, da literatura ao cinema e HQs, não faltando entrevistas, ensaios e ficção? Venha descobrir tudo em:

www.revistabang.com

Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:



www.sdebrasil.com.br



Facebook: /editora.sde.brasil



Twitter: @SdE_Brasil